



Considerações sobre o teor testemunhal dos escritos de João da Cruz e

Primo Levi

Considerations on the testimonial content of the writings of João da Cruz and Primo Levi

Artur Viana do Nascimento Neto

Universidade Federal do Ceará

<https://orcid.org/0000-0003-1076-973X>

arturviananeto@yahoo.com.br

Resumo

A experiência traumática tem suscitado interesse em várias áreas de estudo, como a Psicologia, a Filosofia, a Literatura, a Sociologia. Na Literatura, por exemplo, contamos com numerosos relatos testemunhais de vivências traumatizantes (ANTELME, 1957; KLÜGER, 2005; LEVI, 2016, 2010, 1988), que impressionam pelo fato de serem memórias dolorosas que conseguiram ser comunicadas. Este trabalho, portanto, tem o objetivo de comparar o relato testemunhal de dois sobreviventes, Primo Levi e João da Cruz, que nos apresentam, cada um a seu modo, a experiência de reclusão que tiveram. Neste estudo comparativo, demonstramos que em Primo Levi o testemunho é um imperativo, um dever perante a memória dos que morreram, enquanto em João da Cruz o testemunho do cárcere toledano se encontra associado à comunicação da experiência mística da “noite escura”.

Palavras-chaves: Testemunho; Experiência traumática; Noite Escura; Primo Levi; João da Cruz.

Abstract

Today more than ever the experience of trauma has aroused interest in several areas of study. In Literature, for example, we have numerous testimonial reports of traumatic experiences, striking in that the overwhelmingly painful memories have managed to be communicated. This work of ours brings into dialogue two survivors, Primo Levi and John of the Cross. They present us, each in their own way, their experience of seclusion. Within this comparative study we demonstrate that in Primo Levi the testimony is an imperative, a duty before the memory of those who have died. While in John of the Cross the testimony of the Toledo prison is associated with communicating the mystical experience of the « dark night ».

Keywords: Testimony; Traumatic experience; Dark Night; Primo Levi; John of the Cross.



1 Introdução

Atualmente, ouvimos com muita frequência a palavra trauma, que por sua vez vincula um conceito mais ou menos compartilhado por todos, seja pelos profissionais da Psicologia, que a definem com mais propriedade e precisão, seja pelos mais leigos, que formulam uma definição intuitiva a partir da experiência própria ou da de outros. O fato é que tal termo acompanha, quase de modo natural, qualquer experiência fortemente negativa que ameaça a vida do sujeito (JAQUES, 2012, p. 11).

Geralmente, o impacto da experiência traumática faz com que o sujeito tenha reações involuntárias face às lembranças do fatídico episódio, que podem ser crises de pânico, pesadelos, ou manifestações somáticas como calafrios, taquicardia; ou ainda choro compulsivo, angústia e, em casos mais graves, até mesmo incitações suicidas (FONSECA, 2007, p. 238). De toda forma, a reação mais comum diante da experiência traumática é o silêncio e/ou a grande dificuldade do sujeito de falar sobre ela, pois é facilmente compreensível que o traumatizado esteja em constante fuga das lembranças do horrendo, e quando não pode fugir delas, pelo menos evita verbalizá-las.

No entanto, malgrado essa rejeição à lembrança e à palavra, é de impressionar que no campo literário tenhamos, com tanta abundância, obras memoriais que tratam, profunda e detalhadamente, de experiências traumáticas, que por sua vez já seriam muito difíceis de serem relatadas em uma consulta de análise psicológica, quanto mais em uma obra literária com todas as exigências intrínsecas à escrita artística. Ao nos deparar com o testemunho do hediondo, com o relato subjetivo da experiência que toca o limite da resistência humana, compreendemos o fato não como um comportamento indiferente ou mórbido do autor-testemunha, senão o contrário, como uma tácita afirmação da importância, mais que urgente, de discutir o tema do trauma e da necessidade, ou mesmo dever, de guardar a memória daqueles que o sofreram.

Em nosso artigo, trabalhamos especificamente com dois autores – Primo Levi e João da Cruz – que, na realidade específica e no tempo próprio de cada um, foram prisioneiros e sobreviventes, ou seja, passaram por uma experiência de privação da liberdade e ameaça de morte da qual conseguiram escapar. Enquanto testemunhas, esses sobreviventes deixaram plasmadas suas vivências em obras renomadas do cânone



literário ítalo-hispânico, e das quais nos ocuparemos neste trabalho, a saber, a obra diversificada de Primo Levi, e precisamente o clássico juancruciano *Noite Escura*.

Vale a pena ressaltar que a obra de Primo Levi se assoma às produções literárias conhecidas como literatura memorial, literatura do campo ou mesmo literatura da *Shoah*¹, e é sabido que, ao longo do tempo, essa escrita particular tem se tornado cada vez mais objeto de pesquisas, principalmente nas ciências humanas. Não é necessário investir muito tempo em uma biblioteca ou em um navegador de Internet para encontrar uma infinidade de artigos, livros, dissertações, teses sobre o tema da *Shoah*, e isso nos vários campos de estudo. Para citar apenas alguns, destacamos, por exemplo, na perspectiva filosófica, Adorno, 1995, 2009a, 2009b; Agamben, 2008; em um viés psicológico, lembramos Bettelheim, 1985; Frankl, 1991; do ponto de vista sociológico, Bauman, 1998 e para o domínio literário, queremos citar um brasileiro que ofereceu muitas reflexões sobre a escrita da *Shoah*, Seligmann-Silva, 2000, 2003, 2006, 2008, 2016. Por esta pequena lista, vemos que o interesse por este tema atravessa décadas e apesar de toda esta produção o assunto ainda não está esgotado.

Da mesma forma, a literatura mística cristã – em cujo âmbito identificamos a obra *Noite Escura* – emergiu de seu ambiente natural, que consideramos ser a Teologia, e atualmente se apresenta como objeto de observação e estudo de outras ciências. É possível, então, encontrar pesquisas que relacionam mística e Filosofia (STACE, 1960; JONES, 2016); experiência mística e Psicologia (LEUBA, 1925; RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, 2011; 2019; BÄUMER; PLATTING, 2011); e também pesquisas literárias dedicadas à escrita do místico (MANCHO DUQUE, 1982, 1987, 1990, 1993, 2018; BALDINI, 1990; EGIDO, 2010). A partir desses exemplos, apontamos que também existe interesse científico em compreender como a experiência religiosa do sujeito se repercute em suas outras dimensões, enquanto pessoa humana unificada.

Observando que a experiência da *Shoah* e a experiência mística têm sido frequentemente consideradas relevantes para as várias perspectivas de estudo sobre o ser humano, e procurando colaborar com essa tradição de investigação, propomos, neste

¹ Utilizamos o termo *Shoah* para nos referir ao genocídio em massa do governo alemão, conhecido como Solução Final, plano estruturado com o objetivo de exterminar a população perseguida pelo regime nazista, sobretudo a população judia. Esse termo é, atualmente, preferido pelos estudiosos da Segunda Guerra Mundial, em detrimento do termo Holocausto, conforme discute Agamben (2008, p. 37, 40).



trabalho, um diálogo entre esses dois fenômenos a partir de sua manifestação literária. Assim, nossa contribuição diz respeito a como Primo Levi e João da Cruz articulam o testemunho da experiência traumática que tiveram, materializada em obras, que, reiteramos, pertencem a discursos distintos, dentre outras naturais diferenças.

Para chegarmos ao objetivo a que se propõe este trabalho, nas seções que seguem, faremos, em primeiro lugar, uma sucinta apresentação dos escritores em estudo, bem como das confluências e divergências entre eles. Em seguida, discutiremos como Primo Levi e João da Cruz trabalham o aspecto do testemunho da experiência traumática e o posicionamento do sujeito face à própria experiência ou a de outros. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 Confluências e divergências entre Primo Levi e João da Cruz

Como já mencionamos, existem vários estudos sobre a *Shoah* e a experiência mística em geral. Nesses trabalhos, os nomes de Primo Levi e João da Cruz são inevitáveis, principalmente pelo valor literário, histórico, filosófico e doutrinário que seus escritos demonstram. A seguir, iremos apresentá-los rapidamente e também assinalar os principais pontos de convergência e diferença entre eles.

Primo Michele Levi, italiano, químico e judeu, nascido em 1919 e falecido em 1987 em Turim, foi deportado para o campo de Auschwitz-Birkenau aos 24 anos, onde viveu 11 meses como prisioneiro e de onde foi liberto em janeiro de 1945. Após retornar à Itália, Levi retomou sua carreira como químico e em 1974 decidiu-se dar uma pausa no trabalho para se dedicar à escrita. Contudo, antes dessa data, em 1947, Levi já havia publicado seu primeiro romance *É isto um homem?* que faria muito sucesso. Mas é a partir de 1975 que o sobrevivente desenvolverá ainda mais seu lado literário e publicará muitos livros até 1987, quando é encontrado morto nas escadas de seu prédio em circunstâncias desconhecidas.²

Juan de Yepes, espanhol, sacerdote católico, nascido em 1542 em Fontiveros e falecido em 1591 em Úbeda, foi religioso da ordem do Carmelo desde os 21 anos. João fez seus estudos superiores na Universidade de Salamanca, já muito famosa em sua época,

² Indicamos a visita da página *web* do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, na qual se pode encontrar, resumidamente, a biografia do autor, com referência de suas obras, bem como outros arquivos e informações sobre a literatura de Levi: <https://www.primolevi.it/it/biografia>.



e depois de sua formação em Artes e Filosofia foi ordenado sacerdote. Nessa ocasião, conheceu Teresa de Jesus, monja carmelita que começava a instituir uma reforma no ramo feminino da ordem e procurava um frade carmelita para ajudá-la a fazer o mesmo entre os padres. João aceitou a proposta da Madre, mas a reforma masculina não foi bem aceita pelos carmelitas. Os problemas e as resistências se agravaram até que resultarem na prisão do jovem sacerdote, por seus confrades carmelitas não reformados, durante nove meses em uma cela do convento carmelita, em Toledo, de onde João conseguiu escapar em agosto de 1578. Depois de fugir, o sobrevivente voltou para sua comunidade e desenvolveu vários serviços governamentais e de acompanhamento espiritual. A respeito de seu lado escritor, o poeta espanhol produziu quatro grandes obras nas quais ele testemunha sua experiência mística e instrui outras pessoas na vida espiritual.³

Um conhecimento biográfico superficial de cada uma dessas personagens permite-nos encontrar elementos comuns que, sem dúvida, nos ajudarão em nosso estudo comparativo. O ponto principal é evidente, os dois foram prisioneiros e sobreviventes e depois de haver passado por grandes provações traumáticas, ambos deixaram transcrita a experiência da prisão, cada um com sua própria linguagem, estilo e interpretação, e o fizeram de uma forma tão profunda e esteticamente criativa que hoje estão entre os grandes nomes da literatura italiana e espanhola.

Quanto aos pontos divergentes, destacamos que as obras de Primo Levi apresentam um traço testemunhal explícito de sua passagem por Auschwitz, enquanto em João da Cruz o *eu* do testemunho não é enfatizado. Ademais, a terrível experiência da prisão de Toledo nunca aparece citada nos escritos do místico espanhol, mas implicitamente aparece evocada nas descrições das *noites escuras passivas*. Ao contrário de Primo Levi, cuja produção literária em seus mais diversos gêneros (memorial, ficcional, poético) se dedica exclusivamente à experiência do campo, em João da Cruz vemos também uma experiência luminosa e gozosa, uma *noite escura* necessária para a libertação e purificação da alma que busca a Deus, que se torna uma *chama viva de amor*⁴ quando o homem chega à união divina.

³ Para um conhecimento biográfico mais aprofundado sobre João da Cruz, indicamos a biografia de Rodríguez (2012), que nos apresenta um panorama completo e detalhado acerca da vida do santo espanhol.

⁴ Título da última obra de João da Cruz.



Primo Levi, por outro lado, é sempre motivado pelo imperativo categórico de não se calar diante da atrocidade da *Shoah*; seu testemunho é meticoloso e sua linguagem, profunda e chocante; o campo nunca saiu de sua vida nem de sua fantasia e às vezes a vida parece-lhe uma condenação, ao longo da qual ele deve falar e nunca se calar.

Falar e calar são os dois movimentos inseparáveis das testemunhas em questão. O relato de uma experiência extrema representa sempre uma transgressão ao silêncio que se impõe, seja o silêncio resultante do trauma (a rejeição natural da memória), seja o silêncio pela falta da palavra. Assim, ter em mãos um longo e detalhado relato de uma vivência que atingiu o limite do que se pode suportar indica não só o grande esforço da testemunha-escritora de retomar mnemonicamente os acontecimentos traumáticos, como também o persistente desafio para que o escritor-testemunha consiga traduzir em palavras o que parece ser *per se* incomunicável.

3 Experiência e testemunho em Primo Levi

Iniciamos nossa reflexão situando nosso objeto de estudo – a representação da experiência traumática na literatura – e ao mesmo tempo apresentando elementos que nos ajudam a configurar um conceito de trauma. Queremos, agora, retomar brevemente essa discussão, desta vez com embasamento de teóricos que nos ajudam a ter uma compreensão mais garantida acerca do tema.

Um dos primeiros teóricos a se debruçar com mais atenção sobre a questão do trauma foi Freud, a partir da observação de seus pacientes em suas consultas. Conforme explica Fulgencio (2004, p. 256), o pai da psicanálise, lidando com pacientes neuróticos – especialmente com os que sofriam de histeria –, observa que a causa de seus transtornos psicológicos aponta para um acontecimento (real ou fantasiado) ocorrido no passado. Essa observação, no entanto, não era tão inovadora, uma vez que antes mesmo de Freud a histeria já era associada a uma experiência traumática de natureza emocional.

A observação clínica desses pacientes conduziu o psicanalista à constatação de que o trauma de seus pacientes estava diretamente ligados a eventos passados de âmbito sexual. Acentua Fulgencio (2004, p. 257) que a consideração da libido é fundamental para a compreensão freudiana de trauma, e que ela é justamente o ponto



diferencial entre o conceito psicanalista de trauma e os seus demais conceitos desde outras correntes da Psicologia e da área médica.

Diferentemente de Freud, Winnicott (1994, p. 201) concebe o trauma como

aquilo contra o qual um indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevêm, seguido talvez por uma reorganização de defesas, defesas de um tipo mais primitivo do que as que eram suficientemente boas antes da ocorrência do trauma.

A partir dessa perspectiva, podemos ver que Winnicott não atribui a origem do trauma a sublimações dos impulsos sexuais, mas à deficiência em aspectos pertinentes à maturidade do sujeito e a suas relações interpessoais, elementos estes que, na visão do teórico, subjazem o trauma. Assim, considerando o trauma tal como nos propõe Winnicott, direcionemos nosso olhar para o testemunho de Primo Levi e João da Cruz.

Agamben (2008, p. 27) chama atenção para dois termos latinos que fazem referência à testemunha e que, etimologicamente, apresentam nuances bastante precisas. Esses termos são *testis*, que diz respeito àquele que é uma terceira pessoa, um observador, que toma distância dos fatos, e *superstes*, que é justamente aquele que experimentou algo, atravessou uma vivência e pode falar dela em primeira pessoa.

Tanto Primo Levi quanto João da Cruz são essas testemunhas supérstites que falam com a autoridade de quem experimentou os acontecimentos narrados, porém, diferente do místico espanhol, o químico italiano – dentro dessa concepção de testemunha em primeira pessoa – distingue ainda duas outras categorias de testemunha. Para Levi (2016, p. 66-67), existe uma testemunha que viveu plenamente a experiência da *Shoah* e que, portanto, não pode falar sobre ela, porque não mais vive; da mesma forma há aquela testemunha que viveu os horrores dos campos de concentração, mas que por razões várias sobreviveu ao extermínio, e que por ser um sobrevivente tem a oportunidade de dar seu testemunho, por si e pelos que já não podem mais.

Esse grupo dos que já não podem mais falar é identificado por Primo Levi como *muselmann*, que na linguagem do campo define uma pessoa condenada a morrer por inanição e esgotamento e que, sem forças para qualquer ação ou pensamento, já se encontrava resignada com seu desaparecimento.



Na ética do campo, a morte do prisioneiro não é entendida como geralmente a concebemos, ou seja, como falecimento, perda da vida de um ser humano. No campo, antes de tudo, não há um ser humano, mas um *muselmann*, que não podemos dizer que vive, senão que insiste em manter, por enquanto, sua respiração e palpitação cardíaca. O desaparecimento do *muselmann*, ou o extermínio de qualquer outro prisioneiro ainda que não tenha chegado a essas condições, configura o testemunho indefectível da *Shoah*.

Evidentemente os que morreram não poderão jamais voltar para denunciar as atrocidades que sofreram, a possibilidade de seu testemunho se acabou como sua vida nos barracões, nas câmaras de gás, no suicídio na cerca elétrica ou em um fuzilamento inesperado. Porém ainda que não possam testemunhar por si, podem ser testemunhados por outros, pelos sobreviventes, que foram condenados a viver e condenados à memória permanente. Estes já não podem deixar de recordar.

As recordações do meu cativeiro estão mais vivas e detalhadas do que qualquer outra coisa que aconteceu antes ou depois. Conservo uma memória visual e acústica das experiências de lá que não consigo explicar [...] ficaram-me gravadas na mente, como se estivessem numa fita magnética, frases em línguas que não conheço, em polonês ou em húngaro; ao repeti-las a poloneses e a húngaros, me disseram que tais frases têm sentido. Por algum motivo que não conheço, aconteceu-me algo de anômalo, diria quase uma preparação inconsciente para testemunhar. (LEVI, 1997, p. 225, 220, respectivamente).

Todavia, em alguns sobreviventes, o imperativo não diz respeito apenas à memória da experiência traumática, que muitas vezes emerge involuntariamente, mas também ao dever de testemunhar. Primo Levi, enquanto supérstite, tem consciência desse dever moral de não fazer calar a voz dos que já não podem mais falar: “falamos nós em lugar deles, por delegação” (LEVI, 2016, p. 67), escreverá em *Os afogados e os sobreviventes*. No entanto, essa testemunha por delegação fala também por si – antes de tudo, por uma necessidade interior (LEVI, 1988, p. 6) – e dessa forma seu relato também tem autoridade, pois “o sobrevivente dá testemunho não da câmara de gás ou de Auschwitz, mas pelo *muselmann*; se ele fala a partir de uma impossibilidade de falar, então seu testemunho não pode ser negado.” (AGAMBEN, 2008, p. 163).

Primo Levi conta como esse imperativo do testemunho lhe tomou por inteiro. Na verdade, o sobrevivente não era uma testemunha esporádica, ou um relator das experiências de Auschwitz em programas televisivos ocasionais. Levi era uma



testemunha compulsiva, falava e não queria deixar de falar, e assim conta, com muita liberdade, como se comportou frente ao dever de testemunhar, logo após sua libertação:

Você lembra a cena: o Velho Marinheiro para os convidados ao matrimônio, que não lhe prestam atenção – eles estão pensando no próprio matrimônio –, e os obriga a escutar o seu relato. Pois então, logo depois de ter voltado do campo de concentração, também eu me comportava precisamente assim. Sentia uma necessidade irrefreável de contar minha história a todo mundo!... Toda ocasião era boa para contar a todos a minha história: ao diretor da fábrica, assim como ao operário, mesmo que eles tivessem outras coisas para fazer. Fiquei precisamente como o Velho Marinheiro. Depois comecei a escrever à máquina durante a noite... Todas as noites escrevia, e isso acabava sendo considerado uma coisa ainda mais louca! (LEVI, 1997, p. 224).

A insistência do testemunho de Primo Levi parece demonstrar dois objetivos: o primeiro, de caráter mais subjetivo, refere-se a seu processo de superação do campo. A libertação física de um espaço e de uma situação insuportáveis não necessariamente corresponde à libertação psicológica do sujeito. É tentando buscar essa libertação pós-campo que o sobrevivente encontra no testemunho, isto é, na discursivização da sua experiência traumática, o caminho de sobrevivência permanente. O falar, portanto, torna-se libertador, sanador, como dirá Levi, em tom de alívio: “estou em paz comigo, porque testemunhei” (LEVI, 1997, p. 219).

O segundo objetivo que identificamos diz respeito à preservação da memória coletiva da *Shoah*. Há eventos catastróficos que não podem ser esquecidos, que não podem ser ignorados, que não podem deixar de ser denunciados com insistência. Há males cuja reparação só pode-se dar unicamente pela consciência de que o evento ocorreu, de que as vozes das vítimas carregam a verdade dos fatos. Em seu trabalho, Levy (2017) diz que uma das principais feridas do trauma é o descrédito dado ao testemunho do sobrevivente, a não aceitação, a dúvida, a desconfiança de sua palavra. Falar e ser ouvido, denunciar e ser acreditado também configura um processo de cura do trauma. Por isso o sobrevivente fala, sem cansar, sem querer, fala para se libertar e para denunciar, são eles quem realmente ditam a história da *Shoah*.

4 Experiência e testemunho em João da Cruz

No caso de João da Cruz, o seu testemunho aparece nas entrelinhas, bem como o imperativo de deixar transcrito um relato testemunhal. É de impressionar às vezes



como o santo espanhol, famoso por ter deixado uma doutrina sólida e estruturada sobre as purificações espirituais – conhecidas como *noites escuras* e identificadas geralmente pelo sofrimento e crise existencial –, nunca tenha feito referência alguma a sua experiência no cárcere de Toledo em seus textos. E não teria sido incoerente fazê-lo, pois as perseguições, os problemas, as calúnias levantadas contra Teresa de Jesus – contemporânea do místico poeta – foram interpretados por ela como uma ação purificadora de Deus para provar e fortalecer seu espírito⁵, exatamente o mesmo conceito que tem João da Cruz acerca da noite escura.

No entanto, apesar dessa aparente omissão, podemos perceber uma estreita relação entre o que sabemos da experiência de João da Cruz na prisão toledana e o teor das descrições das noites passivas em sua obra *Noite Escura*.

Para algumas pessoas, talvez seja um grande atrevimento pretender comparar a experiência de João da Cruz, encarcerado numa cela conventual, com Primo Levi, prisioneiro num campo de concentração nazista. A esses possíveis incômodos, queremos reiterar que nossa comparação não pretende fazer um juízo de valor das vivências que tiveram ambos os escritores. Definitivamente não estamos em busca de graduar qual dos dois sofreu mais, qual testemunho é mais representativo ou qual experiência é mais chocante e comovedora. Por uma questão de respeito, aproximamo-nos de cada um considerando a vivência que tiveram e a maneira como a interpretaram para si e para nós, seus leitores.

Sobre os campos de concentração nazistas, muito material já foi produzido, estudos, livros, filmes, documentários e uma infinidade de representações artísticas. No entanto, a respeito da experiência de João da Cruz no cárcere de Toledo, há apenas alguns biógrafos que no-la descrevem. Essa escassez documental é compreendida pelo fato de a prisão do místico espanhol ter sido uma experiência pessoal, particular de um sujeito cuja relevância nos estudos que se ocupam dele quase nunca considera esse acontecimento histórico. Desse modo, preferimos apresentar algumas características dessa experiência traumática de João da Cruz na cela do convento toledano durante os nove meses que aí ficou:

⁵ Conferir em: 6 Moradas 1, 3. TERESA DE JESUS, *Castelo Interior ou Moradas*, p. 511.



[...] Como primeira providência, tiraram o hábito pardo de descalço de frei João da Cruz e o vestiram com o hábito escuro de calçado. Para a viagem, montaram-no em um burro e o levaram para Toledo [com os olhos vendados para que não soubesse ou reconhecesse o caminho]. (...) Chegado a seu destino, vieram muitos dos religiosos vê-lo e cada um lhe dizia o que queria, conforme o que traziam no peito. [João] é apresentado já como um desobediente, rebelde e contumaz. (...) [O cárcere] era como um buraco na parede, mais ou menos como uma sepultura⁶, mas muito mais alto, sem luz; só havia um buraco de três dedos que dava tão pouca luz que para rezar em seu breviário ou ler algum livro de devoção que possuía, tinha que subir em um banco para poder ver, e devia ser quando o sol iluminava o corredor que estava diante da sala, na direção do buraco. (...) Na porta da cela, colocaram um cadeado para que ninguém pudesse vê-lo nem visitá-lo a não ser o carcereiro. (...) [Sobre as condições do prisioneiro] Cama: umas tábuas com uma colcha e duas mantas velhas. Não desfrutou nenhum dia sequer de uma cama inteira em que pudesse dormir. (...) Roupas: em todo esse tempo não lhe deram roupa para trocar, exceto uma túnica ou camisa já no final do cativo. Com essa carência enorme, lhe davam muitos piolhos que lhe atormentavam muito. Comida: pão, água, sardinha, esta nunca inteira, senão apenas a metade. Alguns dias lhe levava o carcereiro algo das sobras da comunidade. Jejum a pão e água nas segundas, quartas e sextas no refeitório da comunidade, de joelhos, no chão. (...) Disciplinas: o segundo carcereiro que teve declara como já na última parte do encarceramento desciam-no [o prisioneiro] ao refeitório, estando ali os frades, três ou quatro vezes, para que recebesse a disciplina [golpes de açoite]. (...) Pela parte de fora de seu cárcere falavam, com toda intenção para que o preso lhes escutasse, que os descalços estavam fracassando, que durariam muito pouco. Já livre do cárcere [João] confessará que o que mais o afligia e preocupava era ouvir seus detentores dizer que a Reforma da Ordem tinha os dias contados. Também teve que ouvir: “Que estamos esperando? Lancemo-lo num poço e ninguém saberá dele.” (RODRÍGUEZ, 2012, excertos das p. 178-181, tradução e informações entre colchetes nossas).

Solidão, escuridão, sujeira, espaço apertado, fome, humilhação, dores físicas, terror psicológico, são palavras-chaves que saltam do texto de Rodríguez e que nos ajudam a esboçar mais ou menos o que pôde ter vivido o prisioneiro carmelita. Seguramente, uma experiência desse impacto, nessas condições e por tanto tempo, não poderia ser desconsiderada na descrição de um processo espiritual caracterizado por elementos tão semelhantes a esses do cárcere de Toledo. Vejamos alguns trechos da obra *Noite Escura* que apontam para a experiência da prisão.

O próprio título do tratado e a imagem que ele traz, ainda que não seja original de João da Cruz⁷, associa-se muito bem à experiência de escuridão e abandono que sofreu o místico do cárcere toledano. Em sua obra, o santo espanhol caracteriza, numerosas

⁶ Moreno Rodríguez precisa o tamanho do cárcere em 2,70 metros de comprimento e 1,60 de largura (MORENO RODRÍGUEZ, 2018, p. 48).

⁷ A imagem e o conceito da noite espiritual, das trevas divinas são tratados há bastantes séculos anteriores a São João da Cruz, como em São Gregório de Nissa, em seu tratado *Sobre a vida de Moisés* e no Pseudo-Dionísio Areopagita, em seu famoso tratado *Teologia Mística*.



vezes, a experiência de purificação espiritual como uma noite “amarga e terrível para os sentidos” (JOÃO DA CRUZ, 2005, p. 434)⁸, aqui pensamos em todas as privações sensitivas que teve João da Cruz, com a falta do banho, com a péssima alimentação, sem poder ver alguma paisagem ou escutar algo agradável. O santo continua a descrever a noite espiritual como “um caminho tão estreito, tão escuro e tão horrível” (JOÃO DA CRUZ, 2005, p. 444)⁹, adjetivos fortes, especialmente o *estreito* que nos remete ao cubículo onde o prisioneiro estava metido. A solidão e o desprezo dos demais é algo que se lê como característica da noite escura e como exemplo concreto na vida de João: “De igual modo sente-se desamparada e abandonada por todas as criaturas, sobretudo pelos amigos.” (JOÃO DA CRUZ, 2005, p. 465)¹⁰. As descrições seguem, são inumeráveis: a noite é “horrível e aterrador para o espírito”; é “dura e dolorosa purificação do espírito”; é “noite de tempestade e horror” (JOÃO DA CRUZ, 2005, p. 434, 459, 469, respectivamente)¹¹, etc.

No tocante à perseguição física e ao desprezo moral a que foi submetido João por seus confrades, há um texto do segundo livro da *Noite* sobre a repercussão somática da experiência mística que podemos entender como ressonância de sua vivência dramática na prisão:

Em segundo lugar, a alma [pessoa] pena por causa de sua fraqueza natural, moral e espiritual. Como esta divina contemplação investe na alma com alguma força para a ir fortalecendo e domando, causa-lhe tão grande sofrimento na sua debilidade que quase chega a desmaiar, sobretudo quando investe com mais força. Os sentidos e o espírito penam e agonizam de tal maneira, como se tivesse debaixo de um imenso e obscuro peso, que veria a morte como um alívio e uma vantagem. (JOÃO DA CRUZ, 2005, p. 464).¹²

A descrição da violenta incidência divina na alma do místico é inesperada. Declarações como “tão grande o sofrimento na sua debilidade que quase chega a desmaiar” e “veria a morte como um alívio e uma vantagem” parecem, à primeira vista,

⁸ A citação convencional para o trecho citado é 1 N 8, 2, e se lê-se da seguinte forma: Primeiro Livro da Noite Escura, capítulo oito, parágrafo dois. Usaremos essa forma de citar em notas de rodapé, para que o leitor possa identificar o texto em qualquer edição da obra Noite Escura, uma vez que é uma citação convencional para os textos sanjuanistas.

⁹ 1 N 11, 4.

¹⁰ 2 N 6, 3.

¹¹ 1 N 8, 2; 2 N 3, 1; 2 N 7, 3, respectivamente.

¹² 2 N 5, 6.



destoar completamente da ideia que geralmente se tem do Deus cristão, daquele que é sempre bom, favorável, justo, amável com todos, ainda mais para aqueles que nele acreditam e a ele servem. Obviamente que pinçando exemplos descontextualizados como esses, sem uma aproximação mais aprofundada ao pensamento de João da Cruz e aos conceitos básicos da mística cristã, podemos pensar que Deus não só aprovou a postura que tiveram os confrades de João ao aprisioná-lo, como Ele mesmo é capaz de fazer igual.

Entretanto não é essa a imagem de Deus que o místico está oferecendo, como se pode ver facilmente na leitura integral do texto. Em todo caso, ao ler de um ex-prisioneiro que uma pessoa está fisicamente desfalecendo e ainda considerando a morte como uma saída possível da sensação opressora em que se encontra, tendencialmente o leitor é conduzido a associar esse panorama a uma realidade de prisão – como a que estava João da Cruz – mais do que a relacioná-lo a uma experiência espiritual.

Queríamos citar mais uma passagem da *Noite Escura*, que nos parece trazer uma descrição icônica do que pôde ter sido a experiência de João na prisão:

Enquanto o Senhor não a purificar da maneira como Ele o quer fazer, não há meio nem remédio que valha o seu penar. Além disso, a alma tem aqui muito pouco poder, pois assemelha-se ao preso na masmorra, atado de pés e mãos, sem se poder mexer nem vem, sem experimentar ajuda alguma do céu ou da terra. (JOÃO DA CRUZ, 2005, p. 469)¹³.

Parece-nos muito clara a remissão que João da Cruz faz nesse parágrafo a sua experiência no cárcere de Toledo. Ao usar a figura do preso na masmorra, o místico carmelita talvez esteja nos comunicando, ainda que inconscientemente, a vivência que teve na prisão toledana. Se o santo escolheu tal descrição para exemplificar a experiência mística, somos induzidos a cogitar duas possibilidades de interpretação: ou ele está apenas considerando a imagem do preso na masmorra como uma representação do processo da purificação espiritual de que está tratando, sem uma necessária interdependência entre imagem e conceito; ou ele está demonstrando que a experiência de Toledo foi – ou pode ser considerada – uma manifestação, na sua vida concreta, de um processo espiritual (noite escura), e que portanto a imagem da masmorra se torna representação testemunhal da própria experiência traumática do autor. Ambas as leituras

¹³ 2 N 7, 3.



interpretativas podem ser consideradas, ainda que encontremos na segunda elementos mais razoáveis.

5 Considerações finais

A experiência traumática é diversificada e muitas são as formas de o sujeito reagir, assumir, interpretar e comunicar os acontecimentos que o traumatizam. Assim, ao longo deste nosso trabalho, fomos associando reflexões teórico-históricas e textos dos autores em estudo para que nos ajudasse a perfilar a experiência que testemunham Primo Levi e João da Cruz, cada um a seu modo, no seu tempo, com as problemáticas de seu contexto.

Quanto a Primo Levi, vemos que sua escrita *per se* se afirma testemunhal. A memória de Auschwitz perpassa toda sua obra, demonstrando que o sobrevivente não só não tem interesse em esquecer seu passado, como está profundamente convencido de que o que ele viveu, juntamente com seus pares, deve chegar ao conhecimento de todos. E isso se constitui em uma necessidade pessoal e em um dever moral, afinal de contas ele é um poupado, um escapado, ele tem a voz, então cabe a ele fala por si, enquanto sobrevivente, e pelos outros, enquanto afogados¹⁴.

João da Cruz, por sua vez, caminha em direção oposta ao escritor italiano. Embora tenha vivo no período do renascimento cultural, do humanismo moderno, que incitava a valorização do subjetivo, a afirmação do sujeito, o antropocentrismo, o *eu* tão próprio dessa época quase não aparece na obra do frade carmelita. João da Cruz ao tratar das noites escuras espirituais e dos dias luminosos da alma nunca se apresenta como paradigma ou exemplo daquilo que ensina, no entanto é perceptível que, mesmo latente, está aí a voz de quem teve a experiência daquilo que está escrito. Enquanto místico, João tem uma tônica claramente religiosa, o que ajuda a camuflar o aspecto testemunhal que o identifica com Primo Levi, porém o João espiritual, doutor da experiência mística, é o mesmo João prisioneiro, sobrevivente de uma experiência traumática, e isso não se pode anular, tampouco ignorar no momento de ler seus escritos. Assim sendo, a doutrina da

¹⁴ Referência à obra memorial de Primo Levi intitulada *Os afogados e os sobreviventes*, publicada em 1986.



noite espiritual não deixa de receber forte influência da vivência noturna do cárcere, uma e outra se apontam, uma e outra se solicitam.

Com nosso estudo comparativo, esperamos ter colaborado com a discussão acerca do trauma na literatura, sobretudo indicando uma nova abordagem do discurso religioso, muitas vezes encerrado apenas no âmbito teológico. Não pretendíamos esgotar o tema, senão chamar atenção para a necessidade desse diálogo e incitar, ainda mais, ao estudo do trauma de modo interdisciplinar. Sem dúvida, muitos aspectos oriundos do estudo comparativo entre Primo Levi e João da Cruz não foram considerados neste artigo, mas que pretendemos tratar tão logo seja possível em uma outra reflexão.

Referências

ADORNO, T. W. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009a.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. Tradução de Juba Elisabeth Levy. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009b.

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. Traduzido por Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANTELME, R. **L'espèce humaine**. Paris: Gallimard, 1957.

BALDINI, M. **Il linguaggio dei mistici**. Brescia: Queriniana, 1990.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BÄUMER, R.; PLATTING, M. (ed.). **Noche oscura y depresión: crisis espirituales y psicológicas, naturaleza y diferencia**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2011.

BETTELHEIM, B. **O coração informado: autonomia na era da massificação**. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

EGIDO, A. **El águila y la tela: estudios sobre Santa Teresa de Jesús y San Juan de la Cruz**. Palma de Mallorca: José J. de Olañeta Editor, 2010.



FONSECA, M. C. B. Do trauma ao fenômeno psicossomático (FPS): lidar com o sem-sentido? *Ágora*, v. 10, n. 2, p. 229-244, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2021.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis: *Editora Vozes*, 1991.

FULGENCIO, L. A noção de trauma em Freud e Winnicott. *Nat. hum.* [online]. vol.6, n.2, p. 255-270, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302004000200003&script=sci_abstract. Acesso em: 04 jan. 2021.

JAQUES, A. A. B. As neuroses de guerras e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. *Trivium*, v. 4, n. 1, p. 10-24, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 05 jan. 2021.

JOÃO DA CRUZ. Noite Escura. In: JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2005.

JONES, R. H. **Philosophy of Mysticism** : rains on the ineffable. New York : Suny Press, 2016.

KLÜGER, R. **Paisagem da memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEUBA, J. H. **The psychology of religious mysticism**. London : Routledge, 1925. Disponível em : <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.173703/page/n11/mode/2up>. Acesso em: 26 dez. 2020.

LEVI, P. **A Trégua**. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEVI, P. **Conversazioni e interviste**. Torino: Einaudi, 1997.

LEVI, P. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Rei. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, P. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LEVY, S. D. Histórias de vida: marcas do trauma em narrativas de sobreviventes da *Shoah*. In: *Arquivo Maaravi*, v. 11, n. 20, p. 1-9, 2017.

MACHO DUQUE, M. J. **El símbolo de la noche en San Juan de la Cruz**: estudio léxico-semántico. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1982.



MACHO DUQUE, M. J. **La espiritualidad española del siglo XVI: aspectos literarios y lingüísticos**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1990.

MANCHO DUQUE, M. J. Modulaciones simbólicas de la noche sanjuanista. In: SANCHO FERMÍN, F. J.; CUARTAS LONDOÑO, R. **Noche oscura de San Juan de la Cruz: actas del II Congreso Mundial Sanjuanista**, Ávila, 3 a 9 de septiembre de 2018. Burgos: Monte Carmelo; Fonte; Universidad de la Mística; p. 101-120.

MANCHO DUQUE, M. J. **Palabras y símbolos en San Juan de la Cruz**. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1993.

MANCHO DUQUE, M. J. Panorámica sobre las raíces originarias del símbolo de la Noche de San Juan de la Cruz. In: **Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo**, año 63, 1987, p. 125-155. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/boletin-de-la-biblioteca-de-menendez-pelayo--80/html/036dc8ce-82b2-11df-acc7-002185ce6064_239.html. Acesso em: 15 dez. 2020.

MORENO RODRÍGUEZ, I. La noche como experiencia biográfica y existencial en Juan de la Cruz. In: SANCHO FERMÍN, F. J.; CUARTAS LONDOÑO, R. **Noche oscura de San Juan de la Cruz: actas del II Congreso Mundial Sanjuanista**, Ávila, 3 a 9 de septiembre de 2018. Burgos: Monte Carmelo; Fonte; Universidad de la Mística; p. 39-63.

RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, M. I (org.). **Congreso de Antropología, Psicología y Espiritualidad**, Ávila 2011. Burgos: Monte Carmelo; Fonte; Universidad de la Mística, 2012.

RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, M. I. Noche oscura y depresión. In: **Revista de Espiritualidad**, vol. 78, nº 310, 2019, p. 85-115. Disponível em: <http://www.revistadeespiritualidad.com/upload/pdf/2662articulo.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

RODRÍGUEZ, J. V. **San Juan de la Cruz: la biografía**. Madrid: San Pablo, 2012.

SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era da catástrofe**. Campinas: Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006.

SELIGMANN-SILVA, M. Auschwitz: história e memória. **Pro-Posições** [S.I.], v. 1, n. 5, p. 78-87, 2000. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/32-artigos-seligmannm.pdf>. Acesso em: 18 maio 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. Literatura e trauma. **Pro-Posições** [S.I.], v. 13, n. 3, p. 135-153, mar. 2016. ISSN 1982-6248. Disponível em:



<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643943>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia clínica** [online]. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2018.

STACE, W. T. **Mysticism and Philosophy**. London : The Macmillan Press, 1960.

TERESA DE JESUS. Castelo Interior ou Moradas. In: TERESA DE JESUS. **Obras completas**. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, 2015.

WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas**. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.